
DIANA LOPES DA SILVA

Porto Velho - RO

Dianalopes440@gmail.com

16 de Junho de 2023

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA.

CURSO DE EXTENSÃO: MULHERES CORPOS E MEMÓRIAS
CONSTRUINDO COMUNIDADES DE RESISTÊNCIA, Trabalho de
conclusão de curso

UMA CARTA PARA AS COMPANHEIRAS DE LUTA

Prezado colegas de curso,

É com grande satisfação que escrevo essa carta para dizer o quanto foi importante para mim as tarde de sábado com muito aprendizagem a cada tema abordado no curso de extensão e hoje estou aqui para falar do racismo no Brasil que é um assunto fácil para se discutir, principalmente se você for uma pessoa de pele retinta.

Sou Diana Lopes, nascida e criada na cidade de Porto Velho no estado de Rondônia, filha de Hosana Lopes e Domingos Tibúrcio, eu com apenas 38 anos descobrir a paixão ou a gana de buscar entender o problema da desigualdade entre o ser humano que na maioria das vezes sinto que se fossemos tão ser humano assim, não necessitaria de tanto discurso! Porém, entretanto e todavia vivemos em um mundo diverso que os resultados virem acontecer é preciso de muito diálogo entre as pessoas.

Digo isso, pois desde muito pequena venho observando situações que não condizia com o que a igreja pregava, a televisão mostrava e até mesmo coisas que aconteciam no meu dia a dia. A bíblia fala que todos somos iguais perante a Deus, a constituição federal diz que os

direitos são de garantia para todos indivíduos sem distinção, ai eu pergunto; mais na verdade, quem são essas pessoas, indivíduos ou ser humanos então? Porque se observarmos bem na cor da pobreza automaticamente encontramos os grupos que se encaixam bem e com maior clareza identificamos o gênero que na maioria das vezes são as mulheres negras. É só assistir os comerciais de televisão ou alguma notícia relacionada a desgraça social que você acha essas pessoas, na minha infância eu aprendi que a cabelo liso era o belo, a loira era a perfeição, a médica era a filha do juiz da família de classe média alta de pele branca e o que me restou foi sempre ser só a conhecida de algumas dessas pessoas e a futuramente a empregada dessas famílias.

Na juventude, observava as famílias que tinham uma qualidade de vida bem diferente da vida que eu e algumas famílias tinha. sempre pensei que a culpa seria por causa da nossa cor que no caso na época para mim era um defeito. Depois de alguns tempo essa ideia ia afirmando pois foi o período que tive meu primeiro filho e fui obrigada a criar só, depois veio o segundo e o terceiro e dei continuidade com mesma responsabilidade de permanecer só, relacionamento duradouro com mulheres negras parece ser raros e trabalhos que só aparecia se fosse de doméstica mesmo entregando vários currículo. Nesse meio termo resolvi voltar a estudar e percebi que tudo não passava de uma construção social defasada e a partir dessa nova fase de tentar me compreender ou compreender todo esse sistema que constrói a desigualdade social foi que pude perceber que precisamos sim debater a questão racial no Brasil e mostrar que o mundo não pode ser dividido a partir da cor da pele das pessoas e que o ódio lançando em forma de discursos vire política de reparação social para uma futura geração mais humana. Sabemos que para acontecer a transformação na nossa casa chamada MÃE TERRA precisamos imediatamente do trabalho em conjunto com muita responsabilidade, respeito e alteridade.

Atenciosamente,

DIANA LOPES.